

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

A RAINHA DONA ROSA

■ Por ANÃO SABICHÃO ■

A Rainha Dona Rosa é, como todos os meus amiguinhos sabem, — a mais linda flor. Por isso, lhe fôra dado aquele título, ali, naquele jardim.

As dalias, maravilhas, anémons e cravos, também tinham vestidos de cores variadas e brilhantes, mas nenhum se comparava, em beleza e finura, ao de Sua Magestade Dona Rosa: A sua haste com espinhos, fazia-a respeitada e tímida por tôdas as outras flores.

Dois jarros, muito apumados, estavam de sentinela à roseira que era o palácio onde ela habitava e os lírios que têm dentro uns martelinhos amarelos, serviam de guarda de honra, quando sua Magestade saía.

Aconteceu, porém, um dia a Rainha acordar cedo, e, ao ver a manhã muito linda, disse para

os seus botões — que eram os príncipes, seus filhos, que a ela estavam agarrados:

— Meus meninos, vamos dar um passeio para nos banharmos nas gotas do orvalho. Estou farta de etiquetas! Andêmos devagarinho, não vão acordar êstes maçadores que não nos deixam pôr o pé em ramo verde!

Os maçadores, a que ela se referia, eram os lírios e os jarros que ainda dormiam, todos pendidos nas suas hastes.

Pela relva, onde o orvalho cintilava como diamantes, a Rainha ia andando, muito satisfeita, quando sentiu que lhe puxavam pelo vestido.

Voltou-se, indignada!

Quem se atreveria a desprestigiar Sua Magestade?

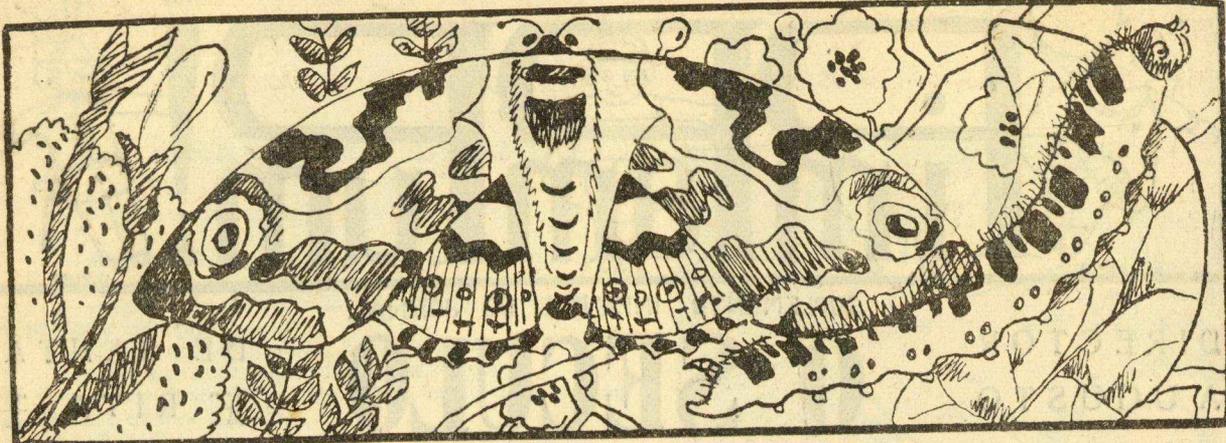
Ai! que bicho horrendo!

Era uma lagarta, pela certa!

Muito desengraçada e bojuda, arrastava-se pelo chão, com tôdas as atenções de se agarrar à formosa Rainha.

Esta, assustadíssima, fugia por ali fora, mas a medonha lagarta corria tanto como ela, porque tinha muitos pés!





E fazia *cruip-cruap, cruip-cruap*, com tal ferocidade, que as violetas acordaram assarapantadas e, cheias de medo, esconderam as cabeças nas folhas.

Enquanto fugia, a Rainha lembrava-se de que era aquele o pior inimigo da família!

Ficara-lhe de memória, a desgraça duma tia, rosa-chá, tôda roída pela maldita lagarta e a prima-musgo, que perdera quatro filhas inteirinhas, porque o esfomeado bicharoco lhas devorara. Então, deu uns gritinhos tão afritos que os seus guardas despertaram.

Logo os jarros, em socorro de Sua Magestade, estenderam as folhas largas e zás! pás! trás! com elas tosaram valentemente o lombo da lagarta, e os lírios, com os seus martelos, ajudaram à pancadaria!

O inimigo estendido por terra, ficou como morto, sem dar acôrdo de si.

As flores habituaram-se a ver aquele corpo que lhes lembrava a heroicidade dos soldados que, em defesa da sua Rainha, haviam dado cabo de bicho tão daninho!

E a própria Rainha, já sem temor, passava por ali.

Mas, um dia, reparou que, da tremenda lagarta, só a casca existia.



Ao mesmo tempo, sentiu bater umas asas e viu uma linda espécie de flor, voando perto dela.

— Bons dias, magestade! — disse a tal flôr, abaixando as quatro asas, como a cumprimentar a rainha.

— Bons dias! — respondeu Dona Rosa, fazendo-se mais vermelha que a sua vassala papoula. Intrigada, indagou:

— Quem és tu?

— Saiba Vossa Magestade que sou o rei dos insectos. Chamo-me borboleta. Acabo de nascer desta casca.

— E' possível que já fôsses tão feia? — exclamou, pasmada, a rainha.

— Era feia no reino das flores, mas era bonita no reino das lagartas! — retorquiu a borboleta, tôda zangada.

— Não te amofines e aproxima-te! Tens um perfume tão bom! — disse Dona Rosa, olhando, ternamente, a borboleta.

— Não posso! Ainda me lembro da maneira brutal como as flores trataram a minha mãe lagarta!

— Mas agora, a ti, hão-de tratar-te muito bem! — atalhou a rainha.

— Porque me acham bonita e tenho um belo perfume! Porque as minhas asas parecem feitas de ouro e pedras preciosas!

— Vem, que eu tenho em mim um nectar delicioso, um suco que te há-de enebriar! — tornou a rainha.

— Maltrataram minha mãe e fiquem sabendo que o mal que se faz às mãis, nunca os filhos o perdôam!

E, dizendo isto, voou pelos ares, muito leve, muito airosa...

A rainha, ao vê-la desaparecer, teve tal desgosto que, logo ali, se desfolhou e uma das suas pétalas, levadas pela brisa, ainda foi seguindo a borboleta.

E', ou não, bem linda esta história que o vosso Anão inventou para distrair e instruir um bocadinho os seus queridos meninos?

O PINTASSILGO DO QUIM

Por ANTÓNIO GONÇALVES

Desenhos de A. CASTAÑÉ

OS meus meninos não conhecem o Quim, não é verdade? Mas eu vou apresentá-lo: é um pequerrucho loirinho, com umas bochechinhas muito rosadas e redondinhas, mas muito amiguinho de fazer só o que lhe parece.

Por isso, de vez em quando, apanha o seu açoit e deixem-me dizer-lhes que são muito bem dados, porque têm a virtude de lhe acabarem com as birras.

Bem; mas os meus amiguinhos não sabem o que isso é, porque são bonzinhos e não contrariam os papás, não é assim?

Ora, isso mesmo é que é bonito!

Mas, voltemos ao Quim.

Um dia ele viu na gaiola, a uma janela, um pintassilgo, que cantava, que era um encanto.

Todas as manhãs, o Quim ouvia enlevado o passarinho. E tinha razão...

Era uma alegria no prédio, sempre que o pintassilgo era posto ao para-peito.

Mas o Quim não estava contente de ouvir, apenas, o canto da avezinha, Queria-a para si...

Isto era mau. Ou se dava um pintassilgo ao Quim, ou ele fazia tal barulho, que só acabaria com o respectivo açoit.

Ora eu, que gostava muito d'ele, resolvi poupar-lhe os açoit: comprei um pintassilgo, uma bonita gaiola e lá fui oferecê-los ao Quim, julgando eu que ele ficaria muito satisfeito, que me saltava ao pescoço, a dar-me muitos beijinhos, mas sabem o que sucedeu?

Fez uma careta, franziu a testa e disse-me que não era aquele que ele queria...

Se vissem que cara mais feia ele fez!

Talvez que, se ele pudesse vê-la, nunca mais fôsse mau...

Eu disse-lhe que era um passarinho igual, que havia de cantar tão bem como o outro, ou talvez melhor ainda... e, enfim, ele lá se calou e pareceu mais satisfeito.

Voltei daí a dias e o passarinho já cantava mas era muito novinho e ainda estava a aprender a cantar...

Sim, porque os meninos para lerem correctamente, primeiro tiveram que aprender a dizer: A B C, não foi assim?

Mas, quem é que convencia o Quim de que tinha que esperar que o passarinho aprendesse a cantar?

Ninguém!

E todos os dias ele tinha as mesmas frases, a mesma cara feia e a mesma birrice:

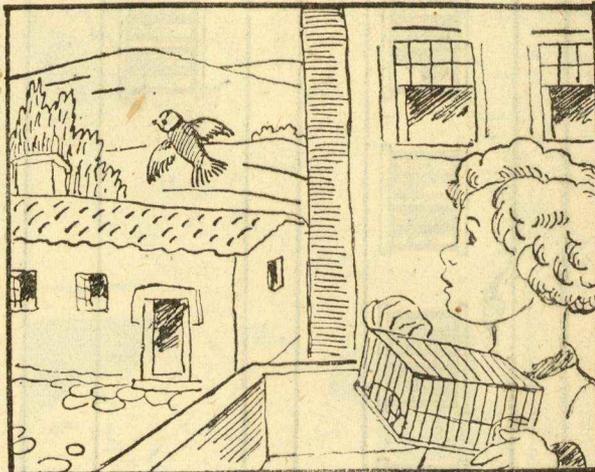
— Aquele é melhor... eu quero aquele, pronto!

E um dia — reparem bem no que ele fez — a gaiola apareceu com a portazinha aberta...

Calculem... o pintassilgo foi uma vez! Assim que viu por onde fugir não esperou muito tempo! Ele aí vai... Pois a portazinha parecia mesmo que estava a dizer: Passa! Foge, pateta!

Quando cheguei, perguntei ao Quim pelo passarinho e ele respondeu: — Fugiu! Tanta bidadinha deu no fechinho da gaiola, que abriu a porta e fugiu...

E' claro que, por muito bem que ele tivesse imaginado a mentira, eu achei



logo a verdade: fôra ele quem abria a porta da gaiola, propositadamente, porque não gostava do pintassilgo...

Essas coisas sabem-se sempre, porque os meninos não podem ocultar as maldades.

Eu fingi que não dera pela mentira e, passando às suas lições de escola, disse-lhe:

— Conheces o Necas? Ele é muito mais estudioso do que tu. Sabe ler na perfeição, escreve maravilhosamente e os problemas são um encanto... Gosto muito do Necas. Gosto muito mais dele do que de ti...

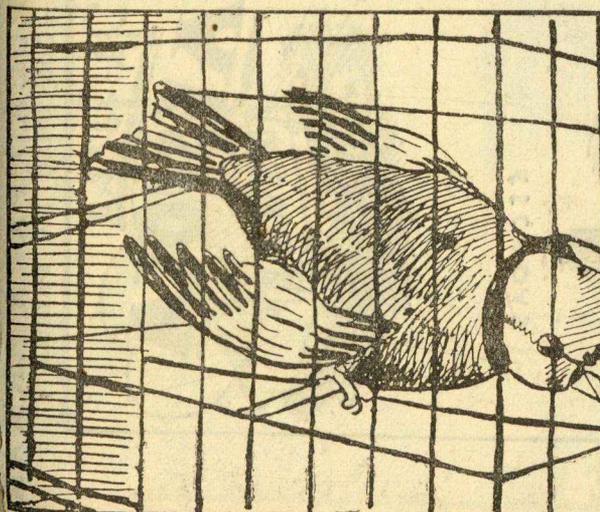
— Porquê?

— Ora, porque lê muito melhor — sabe muito mais do que tu!

Logo, o Quim, amou e retorquiu: — Pudera! Ele é mais velho do que eu, não há-de saber... Também eu, quando tiver a idade que ele tem, hei-de saber muito mais!

— Pela mesma razão tu devias gostar do pintassilgo que deixaste fugir. O teu era mais novo do que aquele que tu ouvias. Tinha, por isso, muito tempo para aprender a cantar e, tu,

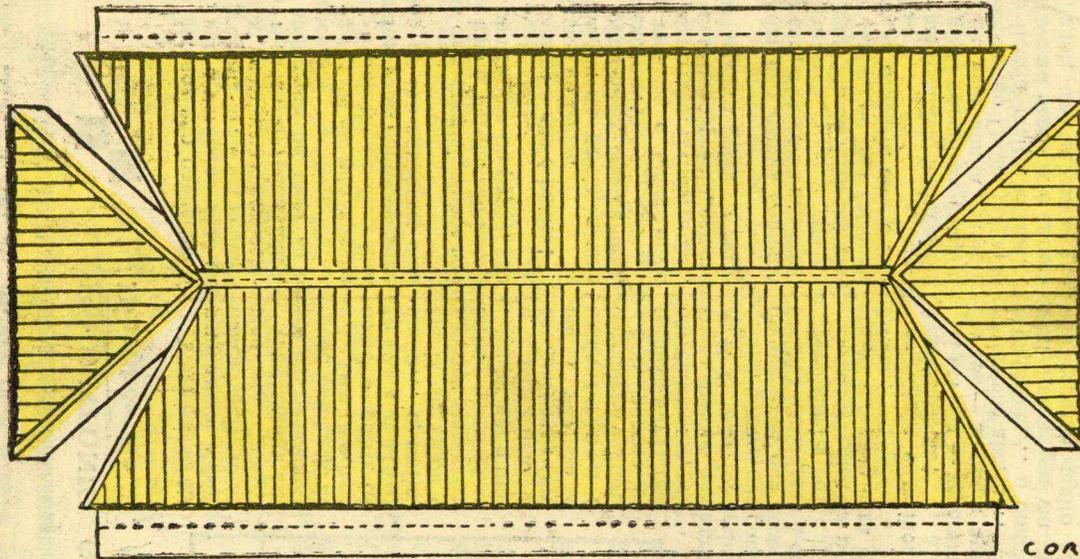
(Continúa na página 7)



UMA VILA COMPLETA

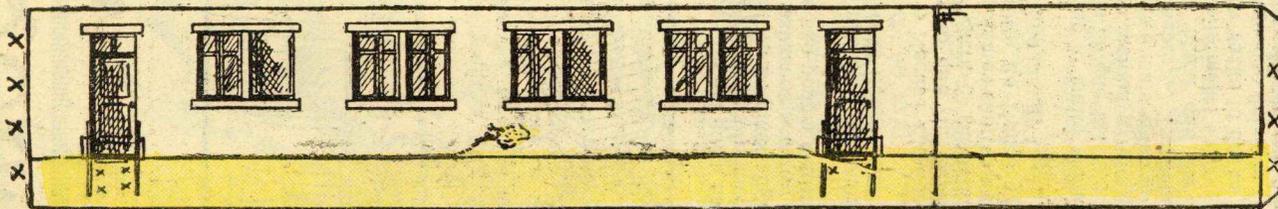
CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

Ler: - CONCURSO NA PAGINA 7

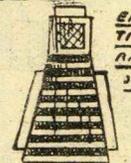
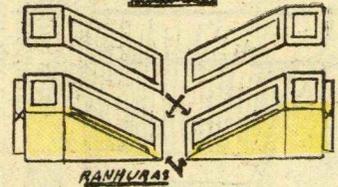
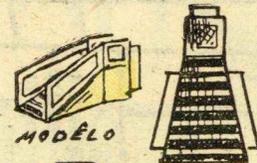


TELHADO

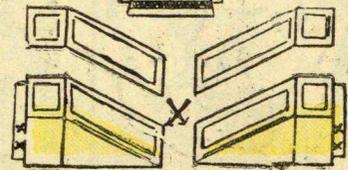
CORPO PRINCIPAL DO EDIFÍCIO



ESCADAS



ENFIAR AS PARTILHAS NAS RAUHURAS INDICADAS SOB O PARAPEITO.



Amamun.

CA' ESTÃO, NOVAMENTE, MIMI, NECAS E LULÚ

POR LEONOR DE CAMPOS
Desenhos de A. CASTANÉ

DE vez em quando o correio bate à minha porta:
«Truz, Truz!...»
E entrega uma cartinha dum dos meus amiguinhos. Ora, como em quasi todas essas cartas vem este pedido:
«... peço-lhe que me conte mais partidas de Mimi, Necas e Lulú... — eu resolvi contar-vos hoje mais uma.

Vocês sabem o motivo do meu tam grande silêncio ácerca destes três garotos?

E' que, embora custe a crer, têm estado muito ajuizados. Portanto, ainda desta vez não posso contar maldades. A partida que hoje lhes relato, sucedeu... sucedeu... porque a nossa Mimi foi apressada!...

Não sei se já lhes disse que a Mimi, o Necas e o Lulú, além de aprenderem inglês, em casa, com a Miss, andam numa escola, a-fim-de se habilitarem para os seus exames.

O Necas, que, como é sabido, é o mais velho, está na 3.ª classe. O Lulú anda na 2.ª e a Mimi começou há pouco tempo. Sabe pouco, portanto. Ora o padrinho dela, que é muito seu amigo, quando, em Outubro, Mimi entrou para a escola, disse-lhe:

— «Estuda, minha filha e presta atenção às lições da tua professora. Logo que saibas escrever bem, manda-me uma carta que não te arrependerás...».

A pequena ficou alvorçada:

— «Porquê, padrinho? E' para me dar alguma coisa?»

— «Não sei, não sei! Não sejas curiosa, que é muito feio... Depois se verá!...»

Mas a Mimi, habituada às generosidades do padrinho, ficou logo convencida de que receberia um bom presente. E, vendo os irmãos com cara desconsolada, lembrou-se de perguntar:

— «O Necas e o Lulú também apanham prenda?»

O padrinho gostou da pergunta da Mimi, pois indicava que ela, além de ter bom coração, era amiga dos irmãos e respondeu:

— «E' possível, minha filha!... Bem. Então está combinado: Assim que saibas escrever, manda-me uma carta...»

Esta conversa foi há 4 meses. A Mimi já lê, com alguma dificuldade; faz cópias bem feitas; mas no ditado é uma desgraça...



Ora isto não admira, visto que aprende há pouco tempo. Mas o que admira é ela, — uma menina inteligente — ter-se convencido de que já escreve bem e sem erros. Quando a professora lhe faz ver as asneiras que escreveu, ela arranja sempre desculpas.

— «Foi distracção!...».

— «Oh!... bem sei muito bem escrever essa palavra!... Mas como escrevi à pressa...».

Pois bem!... De que se lembra esta menina patetinha? De escrever ao padrinho às escondidas de todos. E pensava:

— «Depois, quando a mãe souber que eu escrevi sôzinha e os meus irmãos virem as prendas, vão ficar todos satisfeitos comigo...»

Foi buscar uma folha de papel ao escritório e escreveu:

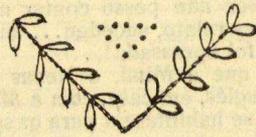
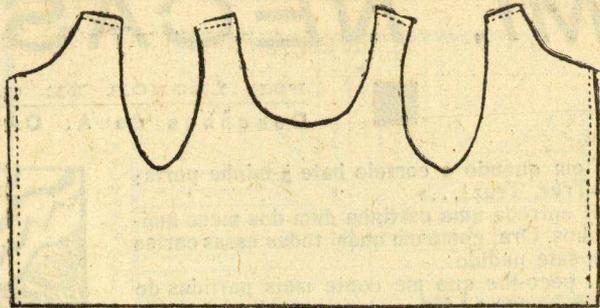
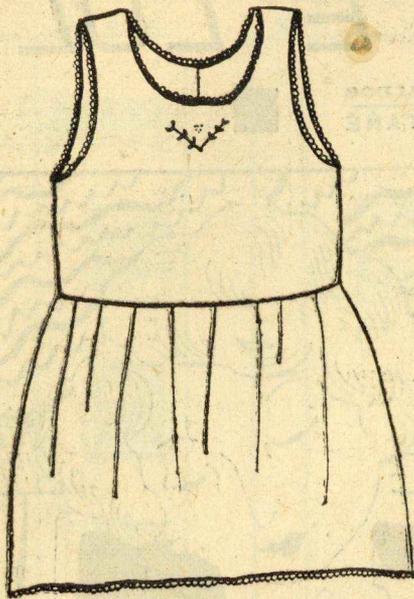
«Meu cridupaderilho:

Gã ceí esceverere ipuriç ule pèçodois gerandes casa-dosbu nècos pònecas uma bicha quièta ium cá balão é pólulu.

Mimi».

Em seguida, a Mimi foi buscar um envelope, meteu a carta dentro e pediu à criada Adélia:





O CESTINHO DA COSTURA

Minhas abelhinhas:

Como as roupinhas das bonecas também se estragam, precisamos pensar, de vez em quando, em substituí-las.

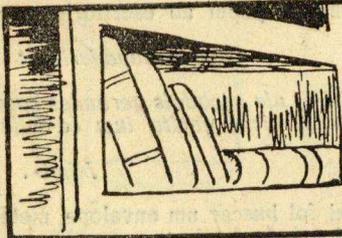
Não se habituem a deixar viver as vossas filhas no desarranjo e desconforto!

Este modelo de combinação, vai permitir às pequeninas mããs, fazerem mais umas peças de roupa sem grande trabalho.

O corpinho é o mais difícil de cortar, mas, para remediar essa dificuldade, dou eu o molde, pelo qual fácil se torna cortar outro. A saia é uma tira a direito que, depois de unida e franzida, se pega ao corpinho.

Temos, por fim, o bordado que também é de extrema facilidade, muito simples e que dará imensa graça ao conjunto.

VOSSA ABELHA MESTRA



— «O' Adélia, fazes-me um favôr? Escreves neste envelope a direcção do meu padrinho, mas não dizes nada a ninguém. Quero fazer uma surpresa.

A criada fez o que Mimi pedia, pôs um selo na carta e foi deita-la ao correio.

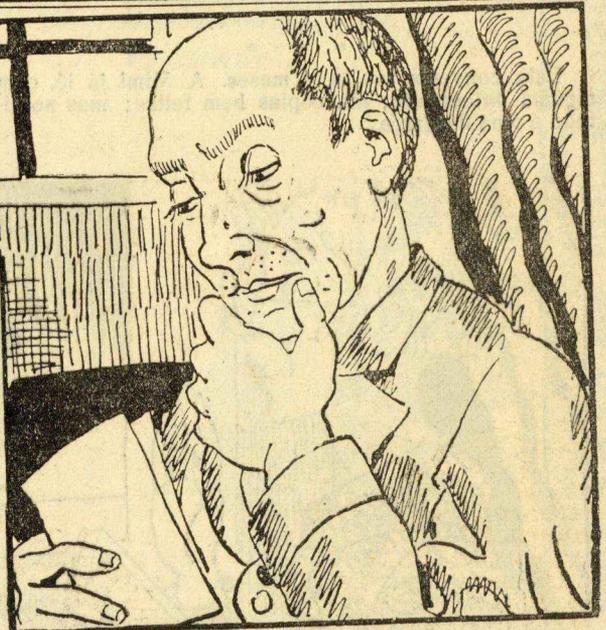
O padrinho recebeu a carta no dia seguinte. Atrapalhadíssimo com os gatafunhos da Mimi, só ao cabo de meia hora julgou tê-la entendido.

— «Ah! Até que enfim!... — exclamou êle. — Parece que já percebo o que ela quere: Duas caçarolas, uma bicha quiêta — deve ser talvez um gato de borracha — e um balão. Coitadita!... Afinal não pede muito!... Logo irei levar-lhe o que ela quere... Mas como ainda não sabe escrever bem, não lhe levarei mais nada. A prenda boa ficará para depois...»

Nessa tarde o padrinho entrou em casa da Mimi com um grande embrulho. Apenas chegou, dirigiu-se à afilhada e, com surpresa de todos, entregou-lhe o embrulho:

— «Aqui está o que pediste!»

A Mimi ficou contentíssima

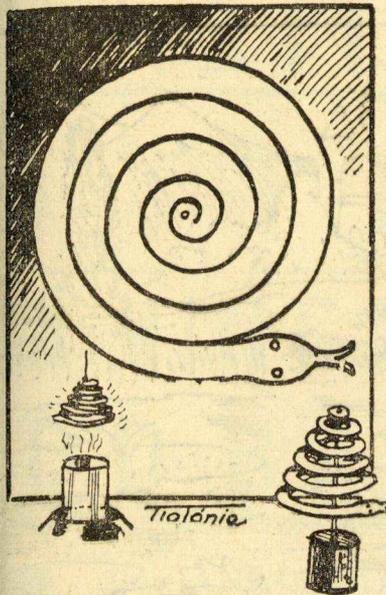


— «Muito obrigada, padrinho!».

Desfez à pressa o embrulho. Mas apenas viu as caçarolas, o gato e o balão, pôs-se muito córada e salta-

A HORA DE RECREIO

ENGENHOCAS E EXPERIÊNCIAS



UMA SERPENTE VIVA

Cortar uma serpente em espiral, num pedaço de cartolina ou mesmo num cartão de visita.

Ao centro, ligar uma linha comprida ou arame fino.

Colocando a *serpente* sobre a chaminé de um candeeiro, vê-la-eis girar, rapidamente, sobre si mesma, contorcendo-se como se estivesse viva.

O NOVO CONCURSO UMA VILA COMPLETA

Conforme anunciamos nos dois últimos números do nosso suplemento, iniciamos hoje, este novo concurso com a primeira folha de construção: — a Escola. Para, devidamente, a armarem, deverão os pequeninos concorrentes colarem a construção numa folha de cartolina, recortarem, dobrarem, etc., conforme, já por várias vezes, temos indicado. Depois de armada, guardem-na, cautelosamente, façam o mesmo às diversas construções que formos publicando, e quando anunciarmos a última da série, disponham-nas, a todas, num conjunto agradável; mandem fotografar o aspecto geral da Vila, e enviem-nos uma prova dessa fotografia, pois com ela participarão no nosso grande e original concurso.

O PINTASSILGO do QUIM

(Continuação da página 3)

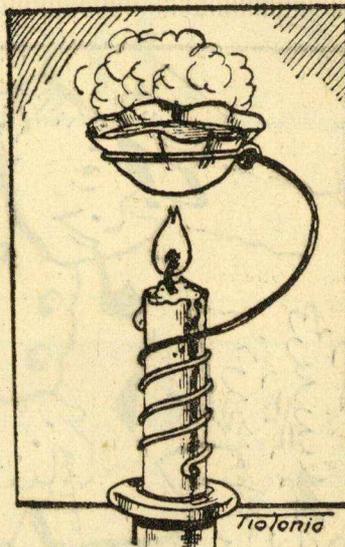
em vez de saber esperar, abriste-lhe a porta para que ele se fosse embora. O Quim fez-se muito vermelho, mordeu o beicinho e foi chorar lá para dentro.

Foi a primeira vez que o Quim chorou sem ser por mau. Chorou de arrependimento pelo que tinha feito. E os meninos, perceberam?

Não quero que me digam, depois, que para nada serviu a lição que dei ao Quim.

Tudo tem o seu tempo e é com ele que colhemos os ensinamentos de que precisamos na vida.

F I M



FERVER AGUA NUM VASO DE PAPEL...

Cortem uma rodela de papel com 15 centímetros de diâmetro, aproximadamente.

Com arame grosso, façam um suporte que se segure em espiral a uma vela, terminando a parte superior numa argola, que servirá para segurar o vaso de papel.

Qualquer papel serve, no entanto, é melhor empregar papel forte, para que se não rompa com o peso da água.

Podereis, então, verificar que a água chega a ferver sem que o papel fique nem levemente tostado...

ram-lhe as lágrimas dos olhos. O padrinho admirou-se; — «Que tens tu, minha filha? Não era isto o que tu querias?»

A Mimi, os soluços a cortarem-lhe as palavras, respondeu:

— «Não, pa... dri... nho!... Não... era!...»

Então o padrinho tirou do bolso a carta dela e disse:

— «Bem! Não te aflijas!... Lê, então, o que escreveste...»

E a Mimi leu:

«Meu querido padrinho: — Já sei escrever e por isso lhe peço dois grandes casados bonecos. Para o Necas uma bicicleta e um cavalo é para o Lúlu. — Mimi.»

Houve uma gargalhada geral, à vista da carta e da linda ortografia da Mimi.

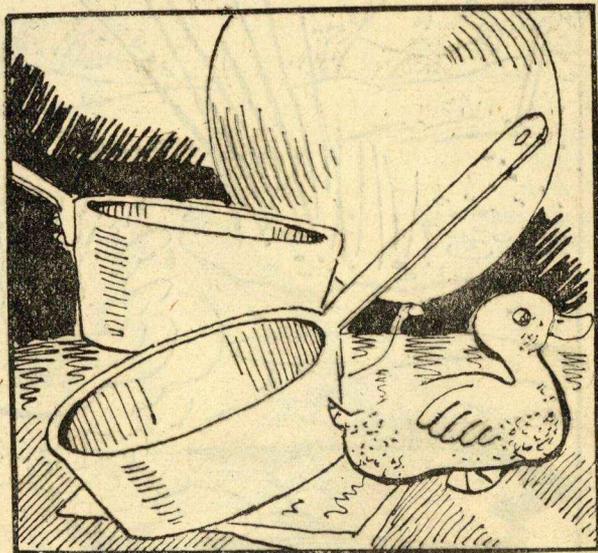
Mas o padrinho teve pena dela, que, ao canto, muito encolhida, não cessava de soluçar, e prometeu:

— «Deixa rir os teus irmãos, Mimi. É certo que escreves ainda muito mal, mas por enquanto não tens motivos para te envergonhares. Por isso estuda e escreve com atenção os teus ditados e dentro de pouco tempo te oferecerei o que me pedes agora... e talvez mais alguma coisa. É a propósito: O que significa — dois grandes casados bonecos?»

A Mimi enxugou as lágrimas e respondeu:

— «É uma boneca e um boneco, da mesma altura e vestidos de igual, só com uma diferença: ela tem uma saia e ele uns calções!...»

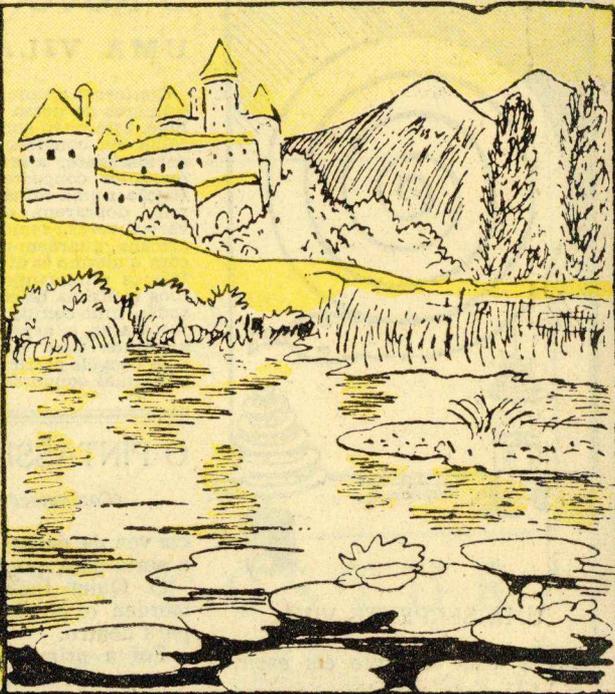
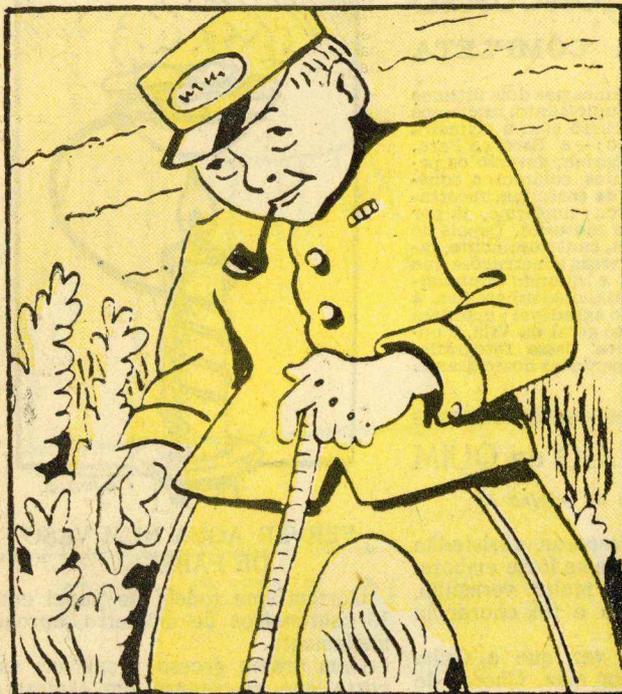
— «Ah, bém, bem. Agora estamos entendidos.»



E, voltando-se para os dois rapazes, que ainda riam da triste figura da irmã, acrescentou:

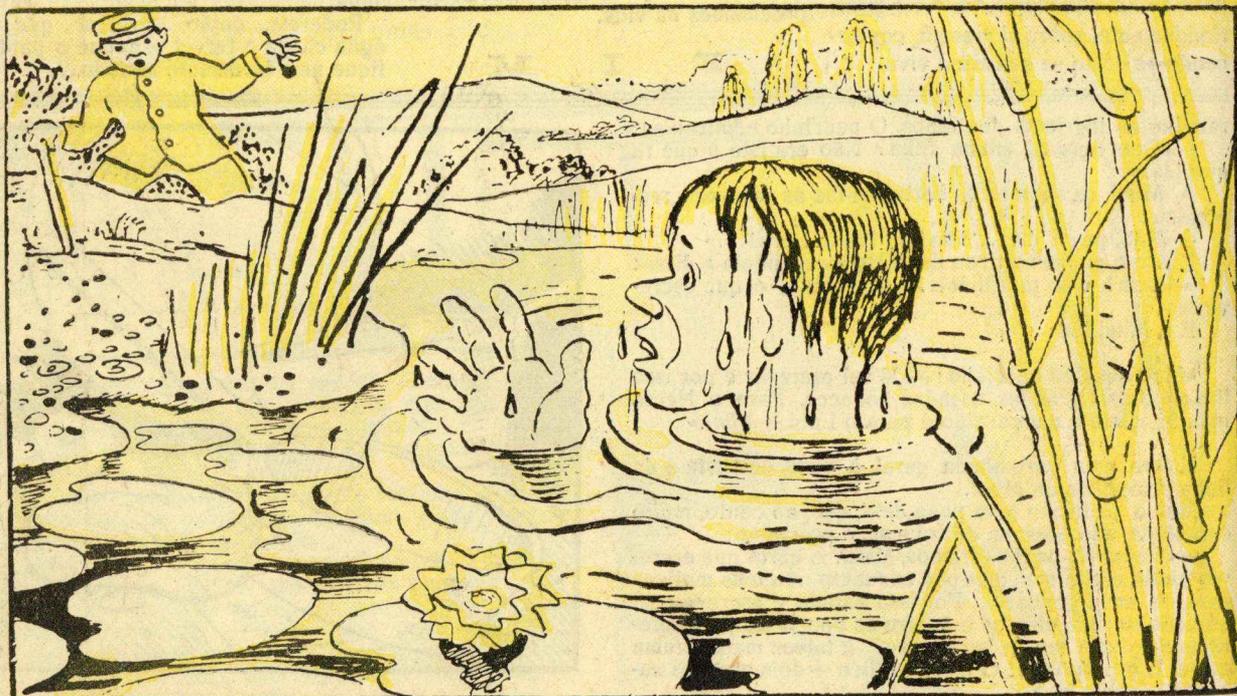
— «E vocês, seus mariolas, se continuam a trocar da Mimi, ficam sem a bicicleta e sem o cavalo grande. Ouviram?»

A ATITUDE do GUARDA



— «Zé» Cunha Pais Santiago,
guarda da Quinta do Ar belo,
onde existe um grande lago
e um riquíssimo castelo,

saídas tem, com tal chiste,
com tanta e tanta piada,
que nem sério lhe resiste
o próprio chão da calçada.



Certo dia, ao ver no lago,
todo imerso, um tipo estranho,
grita-lhe o «Zé» Santiago:
— «Aqui não se toma banho!»

Volve o outro, atrapalhado:
— «Eu não me estou a banhar!
Caí no lago há bocado
e já me sinto a afogar!»

Sereno, torna «Zé» Cunha,
«Zé» Cunha Pais Santiago:
— «Ah, então, bem!... Eu supunha
que estava a brincar no lago!»